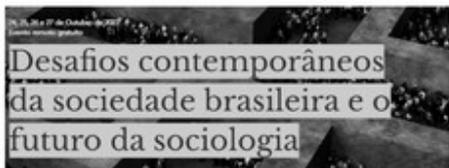


GT07 – Pesquisas e debates sobre novas direitas

Guerra cultural no Brasil: a ascensão de movimentos da nova direita

Mirela de Jesus Gerônimo
Universidade Federal De Sergipe



Guerra cultural no Brasil: a ascensão de movimentos da nova direita

Mirela de Jesus Gerônimo

Resumo

O artigo faz uma análise da conjuntura política atual, mapeando a trajetória de temas como bolsonarismo, guerra cultural e marxismo cultural, apresentando seus principais autores e posicionamentos. A existência de uma guerra cultural no Brasil, que está vinculada a nova direita brasileira o que causa fragmentações na sociedade. Assim, para a análise foi utilizado a ferramenta Iramuteq, que contribuiu para a compreensão da influência da guerra cultural para eleição e candidatura de Bolsonaro.

Palavras-chave: Crise da Cultura. Guerra Cultural. Nova Direita.

1 Introdução

O artigo a seguir almeja mapear e fazer um aprofundamento de leituras e notícias específicas sobre o Bolsonarismo, Guerra Cultural e marxismo cultural, mapeando a história, a trajetória de seus principais membros e o posicionamento deles sobre a conjuntura política atual conservadora/reacionária que governa o país. A ideia de existência de uma Guerra cultural no Brasil, que sofreu influência da nova direita brasileira, a qual gerou uma fragmentação da sociedade, assim, o conceito de guerra cultural passa a ser retomando na década de 1990, o mesmo pode ser considerado tanto fruto quanto criador das ideologias conservadoras estadunidenses, que influencia e dissemina a ideia de existência de uma crise cultural principalmente com relação a temas culturais.

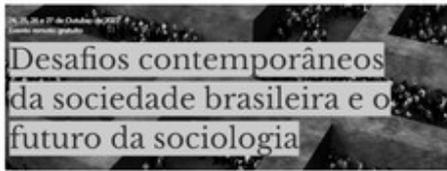
Foram feitas análise em sites e jornais que abordam a infiltração da esquerda e da guerra cultural no Brasil, em que foram feitas análises acerca de seus posicionamentos sobre guerra cultural. Além disso, foram feitos mapeamentos da



história e também os seus principais autores e referências, com intuito de compreender as discussões que cercam o tema, e que demonstram a forma como suas ideologias são expostas na sociedade. Através delas, os indivíduos acreditam que guerra cultural seja a solução para a política brasileira com a infiltração da guerra cultural na direita, apresentara a população que se preocupam com as questões sociais, porém são embasados em seus interesses específicos e nos pressupostos neoliberais.

A importância desse trabalho está vinculada na compreensão de um tema que está disposto na atualidade e na maneira como termos como direita e esquerda são utilizados constantemente na sociedade, mesmo que, muitos dos que os utilizam não detém conhecimento sobre eles. Com essa pesquisa temos a preocupação de desmitificar a visão que uma parcela da sociedade, ao mostrar que existe uma guerra cultural no Brasil. A sociedade em geral acredita na hegemonia de seus ideais, essa distinção do que, e até mesmo e em quem acreditar, gera conflitos, essas rivalidades são formas profundas e cada um possui características e formas de enxergar o mundo de formas diferentes, o que contribui na construção de sua moralidade de forma totalmente oposta.

Expor a influência que o Bolsonarismo tem sobre o pensamento da sociedade, e com a infiltração da guerra cultural juntamente com a utilização dos meios midiáticos para a disseminação de informações a todo o momento em que muitas das vezes os indivíduos não conseguem distinguir a informação verdadeira e a falsa, ou seja, muitas das vezes o que chamamos de fakes News, e acabam perdendo o senso de criticidade, e como consequência elevando a individualidade e abraçando a ideia de meritocracia como mérito próprio. Ao mesmo tempo para trazer reflexões acerca de uma eleição de um presidente autoritário e polemico, foi feita uma análise para compreender o que fez a sociedade elegê-lo, mesmo ele tendo pouquíssima proximidade com os ideais democráticos. E constantemente ser apontado como defensor de ideias preconceituosas por afirmar valores homofóbicos, racistas,



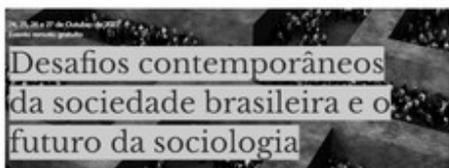
defender a ditadura militar eo uso de armas de fogo. Assim, se busca mostrar qual foi o papel dessa guerra cultural para a candidatura e chegada à presidência de Bolsonaro.

1 Metodologia

A metodologia foi realizada em duas etapas, em um primeiro momento foi realizado uma rápida análise teórica acerca do debate sobre a ideia de Guerra Cultural nos Estados Unidos como a mesma foi transposta ou traduzida para o debate brasileiro, indicando quais são suas influências na nova direita brasileira, assim como, se debateu como a ideia corrompimento da Cultura por setores da esquerda se tornou possível no Brasil. Por último será apresentado a presença do tema em alguns textos de sites/jornais/ entrevistas com o intuito de demonstrar que, embora a ideia da existência de Guerras Culturais seja contestada no debate intelectual, ela também conseguiu tomar conta do debate brasileiro. Para isso, será realizada uma análise de conteúdo, a partir do método proposto por Bardin (1977) com o auxílio no tratamento dos dados do programa Iramuteq, um software de análise textual.

2 Guerra Cultural

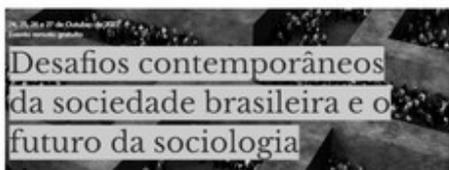
Para alinhar esse debate, a pesquisa parte da categoria Guerra Cultural, de acordo com a leitura proposta por Souza (2014) que discute que as narrativas de Guerras Culturais, ao longo da história possuem como objetivo a mobilização política através de propostas radicais de transformação das diretrizes culturais de um país sob a argumentação (em muitos dos casos pautados em imagens conspiratórias) que existiriam dois eixos morais, totalmente opostos, em conflito pela hegemonia dos valores na sociedade. No caso brasileiro ela estaria associada a uma



perspectiva, fomentada por atores reacionários¹¹, de que existiria uma predominância de uma ideologia marxista cultural nas instituições e na superestrutura do país, que teriam sido cooptadas pela esquerda a partir do processo de democratização. Contudo, ideias de Guerras Culturais vêm sendo apresentada ao longo de toda a história ao redor do mundo, sempre atreladas às tentativas de mobilização e consolidação de alianças políticas, que se solidificam dentro de uma narrativa de existência de uma crise moral, motivada por diferenças entre grupos religiosos, políticos e intelectuais, por disputas entre liberais e conservadores, etc. O modelo que se apresenta no Brasil aproxima-se discursivamente ao projeto Guerra Cultural que surgiu nos Estados Unidos na década de 1990, o mesmo pode ser considerado tanto fruto quanto criador de ideologias conservadoras/reacionárias, ao influenciar e disseminar a ideia de existência de uma crise cultural relacionadas a temas culturais associados ao avanço do multiculturalismo, do processo de globalização e do crescimento do secularismo.

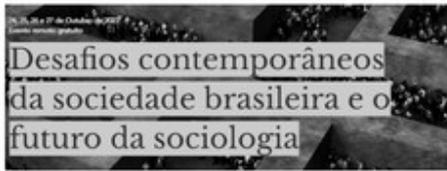
Segundo Souza (2014), embora a percepção da existência de Guerra Culturais seja fomentada, tanto por ativistas ligados ao espectro político da esquerda, quanto aos da direita, com ambos atribuindo uma percepção de corrupção de valores à diferentes responsáveis, percebemos que no atual exemplo brasileiro existe uma predominância da fomentação desse tipo de linguagem na sustentação da administração Bolsonaro. Isso ocorre quando se estabelece um constante estado de guerra contra “inimigos” que estariam corrompendo valores da sociedade. Como características determinantes desse processo se tem: 1- a fluidez da categorização desse inimigo, ao qual, em alguns momentos encaminha-se para um ataque aos meios de comunicação (determinados como “de esquerda”), em outros momentos, vinculados à ciência, às universidades, aos políticos da oposição, ao congresso ou ao

1 A partir do conceito proposto por Lilla (2018) que considera diferenças entre o conceito de conservador e de reacionário, uma vez que, o conservador compreenderia a existência de transformações trazidas pela modernidade e deseja que elas ocorram lentamente, combatendo as possibilidades revolucionárias e, por outro lado, o reacionário proporia que o mundo estaria corrompido e existiria a necessidade de uma revolução para trás que trouxesse a volta para um passado mítico.



STF. Essa fluidez possui um papel central de garantir estabilidade a alianças e justificar rupturas, uma vez que, indica os atores que rompem politicamente com o grupo que a utiliza como alguém que foi corrompido ou que estaria infiltrado para sabotar as ações e impedir a transformação cultural. 2- a narrativa de Guerra Cultural não tolera a possibilidade da política, o outro, nesse caso, dever ser caçado, humilhado, destruído, ou, como apontado nas falas do próprio presidente, metralhada petralhada na ponta da praia². 3- a fomentação de ideias de Guerras Culturais tem um papel fundamental de estimular uma leitura de mundo que divide a sociedade ao meio, em pessoas consideradas “de bem” contra possíveis corruptores. Embora ela produza uma simplificação sobre o funcionamento das instituições e da própria atividade política, ela tem um caráter essencial na construção e manutenção de alianças. De acordo com Souza (2014) a ideia de existência de guerra cultural apareceu em vários momentos em todo o mundo, sua origem se deu através das transformações sócio-históricas na estrutura da sociedade o que causaria rupturas entre lados extremados, os defensores dessas transformações e grupos que acreditam que essas mudanças são responsáveis pela destruição da moralidade e da hierarquia social. Esse fenômeno influencia comportamentos sociais, pois grupos passam a travar batalhas políticas sobre temas relacionados a cultura, de maneira a surgirem narrativas que enxergam esses processos como rupturas definitivas entre grupos na sociedade. Esses grupos passam a disputar a hegemonia de seus ideais sobre a sociedade, o que intensifica cada vez mais a percepção de rivalidades. Como exemplo temos a kulturkampf (guerra cultural em alemão) de Bismarck que aconteceu nos últimos anos do século XIX, que foi marcado por uma disputa entre protestantes e católicos, após o final da guerra Franco- Prussiana com foco na centralidade da unificação da Alemanha em Estado-Nação. Assim Bismarck passa a interagir em questões religiosas, sendo que ele não era participativo de assuntos relacionados a religião protestante, mesmo assim ele entra em uma disputa

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/bolsonaro-fez-referencia-a-area-de-desova-de-mortos-pela-ditadura.shtml>



conta a igreja católica na tentativa de unificar e consolidar seu Estado-Nação.

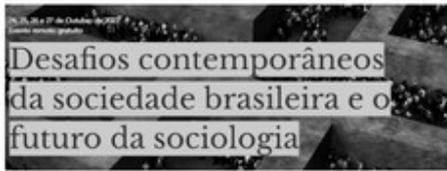
Segundo Hunter (1991), o ponto central da *Kulturkampf* de Bismarck construiu-se tendo como pano de fundo uma questão educacional. Isso ocorreu porque a educação era o símbolo da unidade alemã e da identidade nacional e, por esse motivo, a disputa representava uma batalha entre os católicos e protestantes sobre a formação do caráter da nação e como ele seria transmitido como um legado para as gerações futuras. (HUNTER, 1991 apud SOUZA,2014, p.25.)

O surgimento de guerra cultural tanto nos Estados Unidos, Alemanha e na França é embasado em torno de modelos de sociedade ideal, ou seja, como a mesma deve se constituir. Assim suas ideologias não se distinguem já possuía como discussão centralizada que era exposta era a ideia de que qual história irá representar a unidade e até sua representatividade sobre a nação.

De acordo com Souza (2014) no caso dos Estados Unidos o processo de ruptura entre os grupos que constituíram a identidade americana, o que episódios como a guerra da secessão (compreendida como ruptura entre o bloco tradicional representado pelo Sul e o bloco moderno pelo Norte) e a disputa entre protestantes e católicos que se intensifica com a chegada de vários imigrantes que não eram protestantes no século XIX o que influenciou nas disputas desses grupos, e na atualidade essas disputas entre religiosos, nativos, imigrantes, tradicionalistas podem representar Guerras Culturais.

Para tanto, precisamos partir da ideia de que a discussão sobre a existência de Guerra Cultural é carregada de disputas ideológicas, que constantemente a redefiniu durante os últimos anos, concebendo-a hora como exagerada, contradita, minimizada e, em muitos momentos, como uma explicação possível para toda e qualquer polarização existente na sociedade estadunidense. (SOUZA,2014, p.26.)

Dessa forma, o conceito de guerra cultural decorre de uma batalha ideológica, contudo sua presença no debate acadêmico trouxe novas abordagens em suas discussões originais, ao questionar a existência ou não dessas guerras culturais e perceber que embora o termo tenha se tornado corrente no dia-a-dia de ativistas, políticos e da própria mídia, ela é mais uma ferramenta de mobilização para liberais e conservadores do que uma real ruptura na sociedade. Com a publicação do livro de



Hunter 1991 ficou visível para os meios de comunicações que a sociedade estava dividida, passando por um processo de polarização que desencadearia a divisão radical da sociedade entre conservadores e liberais.

Hunter passa a pesquisar o conceito de guerra cultural a partir da década de 1990, período no qual a sociedade estadunidense estava em um momento de disputas sociopolíticas, que envolvia questões morais, tais como:

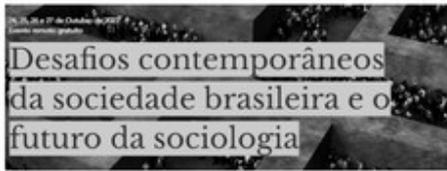
As reformas na *Equal Rights Amendment (ERA)*, as legislações pró-aborto, as discussões sobre a definição de família e encontro sobre o tema ocorrido na Casa Branca sob a administração Carter, a inserção da educação sexual nas escolas, o crescimento de um país cada vez mais multicultural e a inserção das novas culturas na sociedade. (SOUZA,2014, p.28.).

Este quadro de conflitos vinha mostrando-se cada vez mais presente na vida pública estadunidense, o que pode ser percebido quando observamos a importância política de movimentos como a *Moral Majority*²⁰ ou da *American Civil Liberties Union (ACLU)*²¹. Por esse motivo, as duas décadas anteriores à publicação do livro de Hunter pareciam mostrar que os combates sobre esses temas tornar-se-iam cada vez mais frequentes e radicais, o que resultaria em uma total divisão da sociedade entre os apoiadores das transformações e os seus críticos. (SOUZA,2014, p.28.).

Hunter (1991) definiu Guerra Cultural a partir da ideia de uma ruptura na sociedade entre dois conjuntos morais, um *ethos* moral progressista e um ortodoxo. Que tomaria conta de um espaço público no país e como de aprofundamento dessas questões o mesmo passa a fazer pesquisas sobre conflitos culturais, e como forma de compreender como esses conjuntos morais irão repercutir sobre a sociedade:

Eu defino conflito cultural muito simplesmente como hostilidade política e social enraizada em diferentes sistemas de compreensão moral. O fim para cada uma destas hostilidades tende a ser a dominação de um *ethos* moral e cultural sobre todos os outros. (HUNTER, 1991, p.42).

Para ilustrar como se constituem as guerras culturais nos Estados Unidos Souza (2014) aborda que se constituíram a partir dos conflitos religiosos entre protestantes e novos imigrantes católicos nos EUA no século XIX e XX, tudo se inicia com a chegada dos imigrantes que consigo vem novas culturas e tradições religiosas, de acordo com historiador francês Denis Lacorne (2007) esse conflito foi denominado de guerra das duas Américas, era muito mais que uma guerra era uma disputa étnico-cultural, que envolvia um grande conflito entre classe.

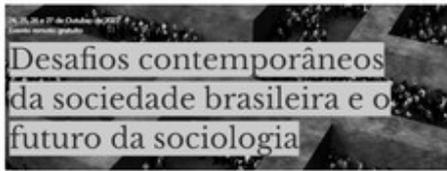


Segundo Hunter (1991) os conflitos religiosos gerados foram resultados do crescimento da população católica no país, na década de 1830 foram cerca de 600.000, em 1840 foram 1.700.000 e em 1850 foi um quantitativo de 2.600.000 católicos que chegaram no país. Com esse grande salto da força da população religiosa que possuía antes um pequeno quantitativo e passa a expressa de forma progressiva sua evolução, com isso torna-se um ponto a ser debatido, no qual passa a ser publicados livros nas décadas de 1840 a 1850 com o enfoque no anticatolicismo, além disso teve grupos políticos que ganharam visibilidade como os The American Protestant, The Christian Alliance, Foreign Christians Union e nas décadas de 1850 a 1860 o partido Native American Parties que possuía uma grande força nas localidades onde possuía uma grande quantidade de católicos.

E o debate acerca da guerra cultural trazia várias vertentes atrelada a esse conceito, como foi exposto um novo gênero literário “pornografia protestante” que surge para apresentar que a santidade não era uma realidade, que os padres e monges era uma falsidade e que os mesmos faziam atrocidades que era provocada pelos tormentos da sociedade fechada. E com essas questões passa a ser exposto que as disputas entre protestantes e católicos teve relação com a formação de dois partidos, ou seja, na década de 1850 com o crescimento dos movimentos nativistas, passa a se concretizar uma filiação de um grande quantitativo de pessoas com o partido democrático e com isso no mesmo período surge o partido republicano a partir do momento em que o partido anticatólico nativista é derrotado (*Native American Party*) conhecido como *Know- Nothing*.

As disputas entre protestantes e católicos teve um momento em que ficou reconhecido que foi quando passa a existir a versão da bíblia tanto dos protestantes quanto dos católicos:

A comparação das duas versões dava armas aos protestantes que queriam demonstrar “insuficiência” da Igreja Católica: sua falta de racionalidade, sua ignorância das verdades bíblicas e das interdições divinas, suas tendências à idolatria, em resumo seu caráter geralmente supersticioso. (LACORNE, 2007, p.109).



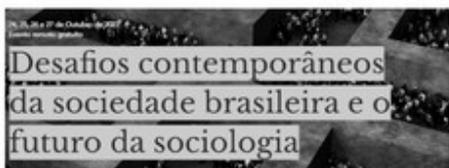
Existia uma grande disputa entre os protestantes e católicos, e a população era obrigados a seguir as regras que fossem impostas, ou seja, poderia ser contra ou favor mas deveria seguir, no qual católicos eram obrigados a seguir os preceitos defendidos pelos protestantes o receberiam punições, um caso que pode ser citado é o caso do aluno estudante católico Thomas Whall (de 10 anos) que se recusou a ler uns dos princípios na aula que era exigido pela sua professora lei do estado de Massachusetts, que impõe a obrigatoriedade da leitura da bíblia na versão protestante na sala de aula nas escolas públicas, e como punição o aluno foi expulso da escola.

A possibilidade do abandono da leitura dos dez mandamentos era vista pela população protestante como uma catástrofe para o sistema educacional. Aqui, como nos casos da Guerra Cultural francesa e alemã, a questão da educação foi central para o conflito religioso, pois ela era peça chave para a manutenção dos sistemas morais e para a formação da identidade nacional. (SOUZA, 2014, p.32.).

A religião passa a ser algo constante e cresce o número de imigrantes que em sua maioria era europeu, e esse processo que aconteceu entre as décadas de 1861 até 1890 que causou um inchaço populacional nos centros urbanos e conseqüentemente ocasionada a pobreza. E com isso no século XX passa a ser controlada a entrada de imigrantes e garantir a permanência e dominância da religião protestante, então com esse aumento do pluralismo religioso traz consigo uma proximidade entre as religiões católica, protestante e judaica porque apesar de suas rivalidades existiam também características em comum, ou seja, eram formas de fé.

O interessante do estudo sobre esta questão nos EUA é perceber que enquanto países como França e Alemanha tiveram um recuo da influência da religião em sua vida pública, principalmente a partir da década de 1960, nos EUA a religião continuou a ocupar um espaço significativo dentro do discurso político do país. Esta diferença pode ser percebida quando retomamos a história dos EUA e percebemos que a questão religiosa nunca esteve realmente separada da vida pública do país, estando presente em quase todos os juramentos feitos pelos presidentes, na moeda, entre outros símbolos que colocariam a religião e a vida pública extremamente entrelaçada. (SOUZA, 2014, p.37.).

Segundo Hunter (1983) a ideia de uma modernidade afeta a constituição de uma sociedade religiosamente, porque passa a ser exposto variadas visões de mundo



que passa a afetar as pessoas diretamente, e com isso criariam visões antagônicas da realidade. Nessa perspectiva a modernidade da sociedade estadunidense deixa duas questões no parâmetro ortodoxo de acomodar-se ou resistência, na acomodação podendo ser interpretada de duas formas, uma delas de forma radical que estaria apto a aceitar uma reinterpretação da religião: “como, por exemplo, na tradução do Cristianismo em ética, psicologia, negócios, políticas liberais e teologia radical.” (HUNTER, 1983, p.16). Ou a acomodação pode ser compreendida como as referências científicas que passam a crescer sobre explicação do que se entende comofé, vejamos: “o crescimento nesta atividade apologética pode ser compreendido como um tácito reconhecimento de um crescimento da implausividade da autoridade religiosa.” (HUNTER, 1983, p.16).

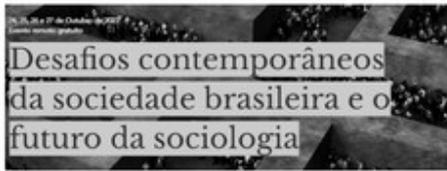
E a partir da década de 1960 os conflitos e divisões entre protestantes, judeus e católicos passam a ser assuntos menos relevantes e assim outros temas passaram a ganhar visibilidade na sociedade, como:

Agora, os temas que polarizavam a sociedade eram: aborto, cuidados com as crianças, fundos para as artes, programas de ações afirmativas, cotas, direitos homossexuais, valores que deveriam ser transmitidos pela educação pública e o multiculturalismo. (SOUZA,2014, p.38.).

Assim, esses novos temas passam a serem compreendidos como categorias importantes para o entendimento das questões da autoridade moral que são essenciais para a realidade desposta na sociedade e no mundo:

Por autoridade moral eu quero dizer as bases pela qual as pessoas determinam se algo é bom ou ruim, certo ou errado, aceitável ou inaceitável, e assim por diante. É claro, pessoas frequentemente tem muitas ideias diferentes sobre qual critério utilizar para fazer julgamentos morais, mas este é apenas um ponto. É o compromisso entre bases de autoridade morais, diferentes e opositoras, e as visões de mundo que derivam delas que criam as profundas clivagens entre antagonistas na guerra cultural contemporânea. (HUNTER, 1991, p.42-43).

E com tudo isso, percebe-se a existência de duas autoridades morais centrais para a compreensão da Guerra Cultural contemporânea, que são ortodoxas e progressista. Para Hunter (1991) a definição da autoridade moral ortodoxo que pode



ser definida como:

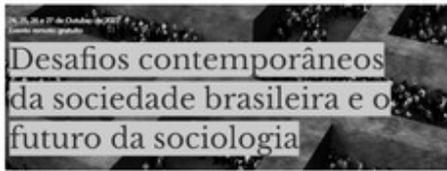
Este objetivo e a autoridade transcendente são definidos como, ao menos em um nível abstrato, uma consistente, imutável medida de valor, propósito, bondade, e identidade, ambas pessoais e coletivas. Ela diz o que é bom, o que é virtude, como devemos viver, e quem somos. Ela é uma autoridade que é suficiente durante todo o tempo. (HUNTER, 1991, p.44).

Já a autoridade moral progressista é embasada na ideia de verdades morais e espirituais que são expostas como não estáticas, ou seja, uma simbolização histórica da fé e suas tradições filosóficas que influencia na realidade da sociedade. De acordo com Hunter (1991) a autoridade moral progressista é definida como: “Assim no progressismo cultural, por contraste, autoridade moral tende a ser definida pelo espírito da era moderna, um espírito do racionalismo e subjetivismo” (HUNTER, 1991, p. 44).

Guerra Cultural passa ser exposta como forma de controle das autoridades morais sobre a esfera pública, assim passa a ser exposto a distinção da cultura pública da privada, a pública baseia-se em conhecimentos pessoais e simbólicos, já a privada que estar interligado a atualidade seria as experiências coletivas de Estado Nação que são responsáveis pela constituição da identidade nacional.

Por este motivo, a ideia de cultura pública consistiria na instrumentalidade do Estado, referindo-se a todas as formas de normas legais e códigos que definiriam os limites aceitáveis do comportamento pessoal, da ação coletiva e da responsabilidade pública, ou seja, é a partir da cultura pública que se tomariam decisões sobre as medidas políticas realizadas no país, das mais simples como asfaltar uma rua até as mais complexas como as decisões sobre a vida. (SOUZA, 2014, p.39.).

Hunter 1991 faz a publicação do seu livro e com isso as disputas culturais que estavam presentes na sociedade estadunidense, se intensificam com essa publicação de Hunter porque os dois lados puderam assumir-se como presentes nessa guerra cultural, e com isso vários autores passa a publicar sobre o tema e consequentemente fica explícito a existência de uma guerra cultural no país. E assim passa a apresentar outra característica importante sobre a existência de uma divisão em partido democrática representado pelos liberais e progressistas e do outro lado estaria o



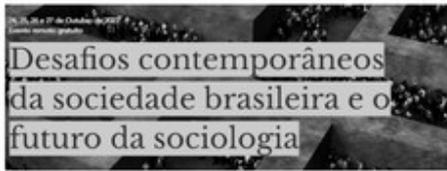
partido republicano representado pelos conservadores e ortodoxos.

E essa divisão da sociedade estadunidense faz com que a mesma se divida e passe a gerar guerras constantes e como consequência torne-se inimigos constantes, e três anos depois a publicação do livro de Hunter o mesmo volta em 1994 a escrever um novo, intitulado, *Before the Shooting Begins. Searching for Democracy in America's Culture War*, que trata sobre as batalhas entre os dois lados e como essa guerra cultural tem se intensificado e com o objetivo de compreender e entender para que possa se obter respostas antes mesmo de se gerar uma nova guerra civil no país. E assim o autor passa a perceber que as vertentes em torno de guerra cultural estão situadas em conotações radicalistas, principalmente, temas como: aborto, assédio sexual, educação sexual, artes e músicas ditas como vulgares, homossexualidade, direito a morte, políticas contra AIDS e distribuição de preservativos.

Assim, para Hunter (1994) o conflito cultural passou a ser visto como antidemocrático, já que, a visão do debate era embasada em uma caricatura que estava vinculada a acusações que na maioria das vezes associavam ao Terceiro Reich como um termo nazista, que era exposto como forma de para referir-se ao lado contrário da disputa entre as guerras culturais existentes.

A questão deste trabalho concentra-se em estimular o debate político, demonstrando o ponto de vista dos dois lados da disputa, o que parecia ser vital, visto que, ambos diziam-se aliados da possibilidade de participar do debate político pelo outro lado. Logo, aprofundar a discussão sobre os temas da Guerra Cultural parecia ser o caminho mais seguro para se atingir um consenso. (SOUZA, 2014, p.42.).

Nessa perspectiva vários pesquisadores que passaram a trabalhar com o tema de guerra cultural, porém cada autor está engajado a uma determinada vertente seja ela direita ou esquerda, segundo Eagleton (2003) apresenta a ideia de guerra cultural está vinculada a temáticas relacionadas a esquerda porque a visão do autor já é possível de visualizar os conflitos existentes entre as culturas novas e as que já existia, como “A expressão “guerras culturais” sugere batalhas campais entre populistas e elitistas, entre guardiões do cânone e partidários da diferença, entre



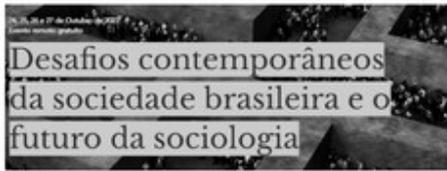
homens brancos mortos e os injustamente marginalizados”. (EAGLETON, 2003, p.79).

Quando o autor Eagleton (2003) fala sobre cânone literário e artístico, o mesmo aborda que é uma questão muito importante e vai além de questões políticas, acadêmicas e estéticas, já quando se aborda sobre o cânone na sociedade estadunidense estaria relacionada a valorização de novas culturas que ocorreu na década de 1960 e 1970 e isso foi de extrema importância para estudos vinculados aos modos de vida das classes minoritárias e com isso foi feito buscas com intuito de relacionar esses grupos a educação que até o momento eram excluídos, foram incluídos como autores de estudos acadêmicos negros, imigrantes, feministas e homossexuais, com isso passou a se perceber que essas classes eram excluídas e não possuíam vínculos com a educação e suas realidades de vida eram colocadas de lado.

Nesse sentido, foi exposto que as abordagens sobre cultura expostas sobre disputas de culturas já existente sobre as novas, porém para que possa compreender esse processo é necessário a compressão sobre cultura que para o autor é uma tentativa de se alcançar a universalidade, “Ela é o ponto imóvel do mundo em rotação no qual se intersectam tempo e eternidade, os sentidos e o espírito, o movimento e a imobilidade” (EAGLETON, 2003, p.82- 83). *Assim,*

Por este motivo, a Cultura necessitaria de um habitat local, o que lhe daria características contraditórias, visto que, ao mesmo tempo em que, ela buscaria ser universal, ela também precisaria do local para ser seu ponto de partida, designando-se como um produto de uma civilização específica (no caso a civilização ocidental) e de um espírito da humanidade universal. Assim, a ideia de Cultura partiria de valores universais, mas, ao mesmo tempo estaria presa ao seu *milieu* histórico. (SOUZA,2014, p.50.).

Com isso quando o autor trabalha com a vertente de uma cultura universal o mesmo entra em conflito com outros pensamentos que também eram expostos na época a defesa da diversidade cultural, que faz a defesa de várias culturas que são expostas como validas e importantes para a constituição de uma sociedade já que são constituídas de particularidades sociais, e assim com o surgimento de uma



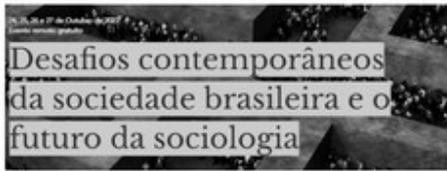
diversidade cultura ocorre o processo de repelirão da cultura universal.

Do outro lado da discussão da Guerra Cultural estaria a historiadora neoconservadora Gertrude Himmelfarb, que defendeu uma divisão na sociedade estadunidense em duas, sendo que, uma metade existiria antes da década de 1960 e, a outra, nascida dos frutos da revolução cultural dos anos 1960. A divisão resultaria de um colapso dos princípios éticos e dos hábitos, como uma doença na sociedade e teria como consequências: a perda de respeito nas autoridades e instituições, a quebra da família, o declínio da civilidade, a vulgarização da alta cultura e a degradação da cultura popular.

A população estava adoecendo e com isso Himmelfarb criou soluções políticas e não políticas com objetivo de aumentar os valores Moraes e éticos da sociedade. Assim como soluções políticas foram criação de taxas de descontos, medidas que favorecessem os casais, leis que dificultassem a tentativas de divórcio, e transferência de autoridades do governo federal para estadual com finalidade de aproximar as necessidades e questões burocráticas de cada região. Já nas soluções não políticas a restauração da sociedade civil que estava sendo infectada por doenças que vinha prejudicando a revitalização da mesma, da família, da comunidade e das igrejas.

Assim, guerra cultural é uma contrarrevolução, que constantemente é negada sua existência e com isso a mesma passa a ser colocada como uma guerra no sentido metafórico, da mesma forma quando se fala em revolução cultural também era visualizado como metaforicamente e que os americanos já vivenciaram essa guerra em momentos nas últimas três décadas, como exemplo a tentativa de impeachment de Bill Clinton que conseguiu fazer com que um terço da população percebe-se que a América estaria dividida em questões como seus valores primordiais.

Para que se possa compreender o papel da guerra cultural para a sociedade estadunidense tem que se analisar a importância do conservadorismo/liberal para a formulação da sua política, segundo Sorman (1983) que a abordagem da política

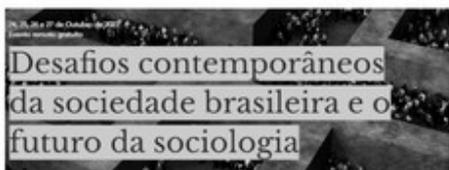


estadunidense tanto a esquerda quando a direita se fragmentam em partidos menores como comunistas, socialistas, extrema direita, libertários e outros, porém essa fragmentação afeta diretamente a consolidação do mesmo, pois não conseguem tantos adeptos o quanto esperavam, e com isso se abre espaço para o surgimento de dois partidos que são destaque no país que são o republicano e democrata que passam a serem rivais partidários politicamente, se constituíram correntes ideológicas que traz uma disputa entre conservadores e liberais.

2.1 Marxismo Cultural

É importante perceber que a dinâmica de ascensão, queda e nova ascensão da ideia de Guerra Cultural nos EUA estava intimamente alinhada ao contexto histórico, dessa forma o sucesso do tema no início dos anos 1990 articulava-se com a reestruturação dos movimentos da nova direita no País, uma vez que, com a queda do muro de Berlim em 1989, existia a necessidade de construir uma narrativa que estabelecesse um inimigo comum e essa narrativa passou a ser estruturada dentro da ideia de que valores marxistas/comunistas foram infiltrados no país desde os anos 1960, atrelados aos movimentos pelos direitos civis e pela cultura universitária. Essa narrativa, se arrefeceu no final do governo George W. Bush com o fracasso do presidente republicano em trazer soluções para a crise econômica e voltou novamente à tona com a eleição de Barack Obama a partir de narrativas que questionavam a origem do então presidente e programas como a reforma do sistema de saúde, entendidos por setores da direita como tentativas de ampliação do poder estatal.

No caso da utilização da ideia de Guerra Cultural pela nova direita no Brasil, seu crescimento se deu devido a midiaticização dos escândalos de corrupção que ocorreram durante a administração do Partido dos Trabalhadores e do realinhamento trazido pelos movimentos que sucederam as manifestações de junho de 2013, e, novamente, utilizou-se da narrativa de infiltração de setores alinhados à esquerda na



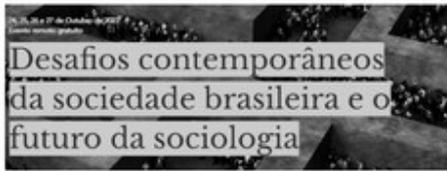
cultura e na educação. Essa narrativa foi bastante eficiente na construção de alianças que levaram ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff e, anos depois, à eleição de Jair M. Bolsonaro. Assim, entender o papel da ideia de Guerra Cultural na construção da nova direita brasileira, também passa por entender, ao menos de uma forma geral, como se estabeleceu a narrativa de dominação de um suposto marxismo cultural no país.

De acordo com Michel (2020) o atual presidente expõe que quer derrotar os marxistas que se instauraram nas instituições de ensino, dentro da leitura desse autor, a eleição de Jair Bolsonaro consequentemente seria um impulsionador para a derrubada do marxismo cultural que seria a inspiração teoricamente dos governos Lula, Dilma e de Fernando Henrique Cardoso. Nesse sentido, segundo a retórica bolsonarista, o marxismo cultural representou/governou em um sistema aparentemente democrático e liberal, que necessariamente, foi embasado em corrupção e a exposições de ideologias que intimidavam os indivíduos e influenciavam em suas decisões.

Ricardo Vélez Rodríguez, na sua posse como Ministro da Educação, afirmou que o “marxismo cultural é uma coisa que faz mal para a saúde. A saúde da mente, do corpo e da alma”. Segundo o ex-ministro, “somos pessoas individualizadas. O marxismo cultural passa a borracha em cima disso e nos considera massa. Nós não somos massa, somos indivíduos”. (SILVA, 2020, p.01).

A partir da década de 1990 a expressão marxismo cultural passou a ser utilizada de forma corrente por cristões fundamentalistas, ultraconservadores, supremacistas, ou seja, a extrema direita dos Estados Unidos. Segundo Costa (2020), o marxismo cultural é uma ideologia adotada pela esquerda já que os defensores de esquerda optam por buscar o poder sem a utilização de armas, e consequentemente passa a buscar poder no âmbito da política e da cultura.

(...) a instituição precursora do marxismo cultural foi a Escola de Frankfurt pelas seguintes razões: imigrou para os Estados Unidos em sua fuga ao nazismo, é constituída por judeus, combinou as teorias dos judeus



Marx e Freud e, sobretudo, promoveu a arte moderna (combatida pelos nazistas, como já vimos), contaminando o espírito da contracultura dos anos 1960. Em suma a Escola de Frankfurt seria uma instituição de fachada do comunismo (COSTA, 2020, p. 38).

Dentro dessa narrativa, o marxismo cultural passaria a se introduzir em instituições, a exemplo, das escolas, universidades, editoras, imprensa, entre outras. Assim, a rede globo, o partido democrático dos Estados Unidos, a ONU e outros são expressões do marxismo cultural. Segundo Carvalho (2014, p. 57), diferente do poder, “a hegemonia é o domínio psicológico sobre a multidão”. Assim, Olavo de Carvalho contribuiu para a representatividade e discussão sobre o marxismo cultural.

É importante perceber que a aliança que elegeu Bolsonaro está bastante alinhada a essa ideia de combate a um suposto Marxismo Cultural, o que pode ser compreendido tanto em setores religiosos fundamentalistas críticos a movimentos ligados à esquerda como a Pastoral da Terra e a teologia da libertação, como também de reacionários saudosos da ditadura militar, que se revolta contra uma suposta vitória da esquerda no processo de desenvolvimento e instauração da nova república. “os discursos dos militares expressam um grande ressentimento, pois a sociedade teria deixado de reconhecer sua relevância política e a importância histórica de suas ações” (SILVA, 2011, p. 187).

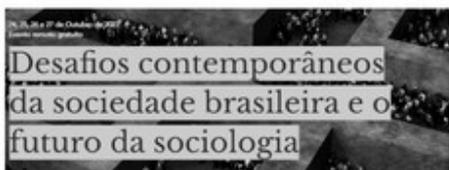
2.2 A Guerra Cultural domina o espaço do debate público.

A proposta e leituras desse trabalho consistem em fazer uma análise dos sites e jornais que abordam a infiltração da esquerda e abordam a guerra cultural como forma de fragmentação da sociedade, e em que medida essa ideologia se insere no pensamento da sociedade o ódio ao governo de esquerda e alicerçaram a candidatura de Jair Bolsonaro, o que fragmentam a sociedade. A primeira etapa do processo da análise é a seleção dos textos para serem analisados, com isso foi feita a leitura de um total de 25 textos ao todo, em que, desses foram selecionados 10 para a análise. Essa escolha foi embasada no critério de homogeneidade do material nos que mais se

adequam a proposta de estudo, ou seja, foram selecionados comentários, notícias e textos que abordem a ideia conspiratória de instauração de uma dominação da esquerda nas instituições e na cultura, assim como, os que afirmem ou dialoguem com a ideia de existência de uma guerra cultural, sua relação com a direita e suas formas de atuação sobre a sociedade e benefícios a administração Bolsonaro.

Após a seleção dos textos que mais se adequavam ao objeto de pesquisa, foi feito o *corpus* textual dos sites e jornais. Assim foi gerado com o auxílio do software Iramuteq, instrumento importante para a análise, os primeiros resultados que são as palavras-chave dos *corpus* textuais. Esses resultados irão direcionar a pesquisa de forma direta. Com isso, foi feita esse primeiro processo de análise que apresentou os seguintes resultados sobre a guerra cultural e infiltração da esquerda, a palavra “não” 236, “Guerra” 130, “cultural” 117, “governo” 81, “Bolsonaro” 61 e entre outras que podem ser observadas na tabela a seguir:

Frequência de Palavras Corpus textual sites e jornais	
Palavras	Frequência
Não	236
Guerra	130
Cultural	117
Governo	81
Bolsonaro	61
Política	53
Brasil	43
Político	39
Social	37
Olavo	36



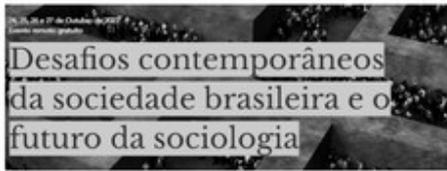
Brasileiro	35
Militar	35
Bolsonarista	30
Inimigo	30
Educação	29

Um dos textos que compõe o corpus textual está publicado no site diário do Nordeste, “O programa da gente não quer tomar lados na guerra cultural em andamento, diz Pedro Bial”, é, primeiramente, de autoria do colunista Leonardo Valpato, o mesmo aborda que “O programa da gente não quer tomar lados na guerra cultural em andamento. Mesmo que a política esteja se valendo da linguagem e das armas da guerra cultural”, essa foi a colocação que Pedro Bial faz em uma entrevista no seu programa titulado conversa com Bial na emissora globo, no qual o mesmo coloca o atual presidente como um desgoverno, ele ainda impõe que os que fazem seu programa não estão de um lado nessa guerra cultural, estão acima buscando compreender os lados, porém sem se posicionar a favor ou contra a existência de guerra cultural ou até como mesma irá repercutir na sociedade brasileira.

Nós somos uma torre que procura observar todos os lados dessas guerras culturais e políticas e procura iluminar áreas que não estão iluminadas. Mas não estamos em nenhum lado. Estamos em uma torre acima de onde temos uma boa perspectiva de observação e oferecemos essa observação aos espectadores. (VALPATO,2021).

Outra publicação selecionada é do jornal o São Paulo titulada como “A guerra cultural e a proposta cristã” que trata sobre a necessidade de cada vez mais a utilização do termo guerra cultural e que esse termo está vinculado a valores morais e sociais:

(...) é cada vez mais comum a utilização do conceito de “guerra cultural”. Segundo essa proposta, estaríamos no meio de uma batalha que envolve valores morais e visões de mundo, com muitas consequências para a legislação, a cultura e, muito especialmente, para a formação da



juventude, a exigir um contundente posicionamento de todas as pessoas de boa vontade. (O SÃO PAULO, 2021).

Assim, essa publicação aborda os pontos positivos e negativos da ideologia de guerra cultural, o jornal de São Paulo impõe que os defensores dessa ideologia expõem que os que defende a guerra cultural são diferentes dos que não defendem, porque eles são diferentes moralmente e socialmente, assim, devem ser combatidos, assim percebe-se a fragmentação da sociedade, causando uma guerra.

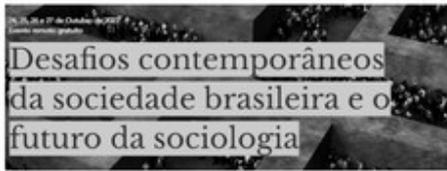
Vale ressaltar, no entanto, que o conceito de “guerra cultural” tem também alguns riscos, que não convém ignorar. Em primeiro lugar, ele comunica a ideia de que aquele que pensa diferente (especialmente quem promove valores diferentes dos nossos) é um inimigo a ser vencido. Afinal, é essa a lógica da guerra: vencer o adversário. E o mesmo ocorre na política, segundo o velho adágio latino: *Mors tua vita mea* (a tua morte é a minha vitória). (O SÃO PAULO, 2021).

Outra consequência especialmente frequente do conceito de “guerra cultural” é uma espécie de autorização para a agressividade. Já que se está numa guerra, não haveria especial problema em ser violento com o outro. Algumas vezes, há inclusive uma explícita chamada à agressividade, como elemento necessário para ganhar a guerra cultural. (O SÃO PAULO, 2021).

Outra publicação selecionada foi titulada como “Quanto maior o colapso do governo, maior a virulência da guerra cultural”, diz pesquisador da Uerj”, João Cezar de Castro Rocha em sua entrevista na revista o pesquisador aborda um pouco sobre suas pesquisas e a elaboração do seu livro “Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas do Brasil”, a publicação foi na revista agência pública de autoria do colunista Ciro Barros. Nessa publicação ele aborda o papel da democracia, e aborda a negação do presidente Bolsonaro acerca da existência da covid-19, e a tortura na ditadura militar e a necessidade de destruir as instituições. Sobre o governo de Bolsonaro e a existência de Guerra Cultural:

Em entrevista à Agência Pública, Rocha relaciona esses elementos e alerta para a possível radicalização da militância bolsonarista ante o colapso do governo. “Sem guerra cultural, não há bolsonarismo. Mas com guerra cultural não pode haver governo Bolsonaro”, afirma. (AGENCIA PÚBLICA, 2020).

Na mesma publicação é exposto a existência de uma guerra cultural



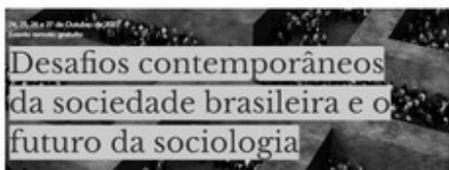
bolsonarista, que é exposta em um livro de João Cezar Castro Rocha, que é um professor titular de literatura comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que segundo a agência pública(2020) vem fazendo estudos em relação ao que ele chama de” guerra cultural bolsonarista. O resultado de sua pesquisa é o livro Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas do Brasil, que deve ser lançado no fim de junho deste ano pela editora Caminhos”.

O livro foi um sucesso absoluto quando lançado, vendeu mais de 100 mil exemplares e teve enorme repercussão no exterior. Ele ajudou a consagrar, no período da redemocratização, uma imagem das Forças Armadas associada à repressão, à tortura e à morte. Isso marcou muito uma geração do Exército brasileiro que, por isso, sempre teve um projeto revanchista, baseado num processo revisionista. É por isso que na mentalidade bolsonarista nega-se a existência de tortura, nega-se que o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos piores torturadores da história da humanidade, tenha torturado. A mentalidade bolsonarista não nega apenas a Covid-19, nega também as torturas da ditadura militar. (AGENCIA PÚBLICA, 2020).

Em outro texto, “Guerra cultural de Bolsonaro prejudica combate à pandemia, diz pesquisador” do colunista do site notícias Uol de Chico Alves, a publicação aborda com seu principal objetivo é a destruição das colocações da esquerda com a eleição de Jair Bolsonaro, e com a eleição do atual presidente que utiliza das fake news sobre abordagens da esquerda brasileira:

Desde antes da eleição à Presidência da República, Jair Bolsonaro deixou claro que seu principal objetivo é apagar as marcas que, segundo ele, os governos de esquerda deixaram nas instituições brasileiras. Essa guerra cultural, baseada em fake news e informações sem comprovação científica, é elemento tão central de seu governo que se transformou em obstáculo no enfrentamento à pandemia de covid-19. (NOTÍCIAS UOL,2021).

Ainda segundo o professor “A minha hipótese é de que, mesmo antes de o governo principiar, o eixo definido foi a guerra cultural. Nesse momento que vivemos, a maneira pela qual a pandemia de covid é tratada é a evidência concreta da centralidade dessa guerra cultural”.(NOTÍCIAS UOL,2021). Nessa perspectiva é perceptível a busca pela fragmentação da sociedade, o que são adeptos das ideologias



do atual presidente dentro da perspectiva da guerra cultural:

No sentido bolsonarista, isso quer dizer: dividir o mundo entre os meus e os outros. Esses outros não são apenas adversários, são inimigos que devem ser eliminados. Nessa visão de mundo bélica não há lugar para a consideração de dados objetivos da realidade. (NOTÍCIAS UOL,2021)

Porque não é possível dividir o mundo dessa forma. Só é possível se eu lanço mão o tempo todo de intrincadas teorias conspiratórias que atribuem a todas as outras intenções perversas e malévolas. O colapso total do tratamento da covid 19 é fruto direto da centralidade da guerra cultural na percepção de Bolsonaro. (NOTÍCIAS UOL,2021).

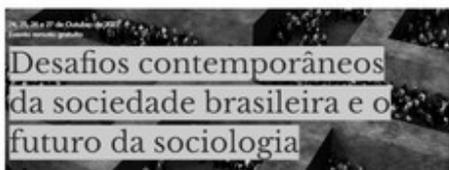
Em “A Guerra Cultural é o eixo do governo Bolsonaro, diz João Cezar de Castro Rocha”, publicação do site Estado de Minas Política, aborda a guerra cultural como presente no governo Bolsonaro, segundo Estado de Minas (2020) “A guerra cultural assegura o êxito do bolsonarismo e impossibilita a ação do governo”, “A guerra cultural é o eixo do governo. Por isso mesmo, a guerra cultural não deixa que haja governo. Esse é o paradoxo. Este governo vai entrar em colapso administrativo”.

Em nenhuma circunstância estou negando que a guerra cultural bolsonarista lance mão de diversos recursos utilizados sobretudo pela extrema direita norte-americana. Não estou negando que seja possível fazer um estudo da guerra cultural bolsonarista que valorize a proximidade de tudo que o governo Bolsonaro realiza e que pode ser encontrado em governos da Turquia, da Hungria. (ESTADO DE MINAS POLÍTICA,2020).

“Nova base eleitoral expõe contradição da guerra cultural bolsonarista” no site titulado entendendo Bolsonaro, no qual apresenta indagações acerca de Jair Bolsonaro está mudando de lado, com a introdução da guerra cultural, assim, o governo de Bolsonaro é um “governo de guerra”.

Diferentemente de outros fenômenos autoritários, como aquele representado pela ditadura militar brasileira, o bolsonarismo destaca-se não pela tentativa de implantar algum projeto de país e sociedade fundado em valores específicos, mas pela incessante tentativa de definir o outro, a oposição, como um mal a ser eliminado moral e/ou fisicamente. Trata-se de um "governo de guerra. (ENTENDENDO BOLSONARO,2020).

Seu eixo principal é a "guerra cultural", a construção incessante de inimigos, de bodes expiatórios, a serem combatidos e eliminados como



método de manutenção do poder, ainda que isso impossibilite a construção de políticas públicas e do governo como um todo. (ENTENDENDO BOLSONARO, 2020).

Com isso, é perceptível a tática da utilização da guerra cultural como forma de manutenção de poder, assim, o site expõe que a guerra cultural serve como uma força que mobilizadora do bolsonarismo, que irá buscar formas de contribuir com situações de problemas,

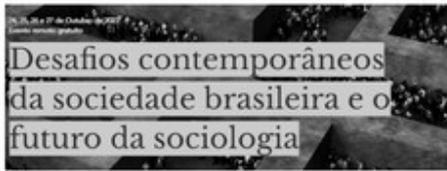
Isto fica evidente na pandemia da covid-19: o governo investe pesadamente na tática de "guerra cultural", disseminando o negacionismo dos dados objetivos com teorias conspiratórias diversas, que vão desde a suposta "estratégia comunista chinesa" em torno das medidas de isolamento social à ideia absurda de que registros administrativos sobre contaminações, mortes e ocupação de leitos de UTI estão sendo inflados pelos "inimigos". (ENTENDENDO BOLSONARO, 2020).

O governo de "guerra cultural" não tem condições de garantir sozinho a sobrevivência do bolsonarismo como minoria de um terço capaz de ser ampliada pelo ódio autofabricado e assim garantir novamente o êxito eleitoral do presidente. (ENTENDENDO BOLSONARO, 2020).

Já com relação as palavras que mais se repetem são **não, Guerra, cultural, governo e Bolsonaro**, são os principais resultados (Iramutec) frequência das palavras, as mesmas são importantes para compreender como o termo Guerra cultural vem sendo adotados por colunistas/sites/jornais para compreender as estratégias de atuação do governo Bolsonaro. Essas publicações refletem que a postura e a forma de administrar belicista do presidente e seus aliados motivam o fortalecimento de uma polarização radicalizada que nega a possibilidade da política e reforçam a sensação de crise democrática.

3 Considerações finais

Diante de todas as discussões que foram desenvolvidas é evidente a influência da Guerra Cultural na formulação da nova direita brasileira e suas formas de manipulação do pensamento da sociedade, que argumentam sobre liberdades

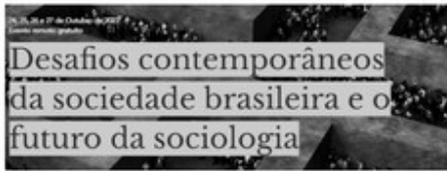


individuais, contudo toleram ideologias autoritárias em nome da liberdade do mercado. Esse problema estimula os seguidores a aceitarem os “pecados” do presidente, assim o mesmo impõe suas ideias como dominantes.

Segundo Souza (2014) quando se fala em analisar as ideias de Guerra cultural e os movimentos conservadores nos EUA encontra-se uma grande pluralidade de movimentos, e a perda de sua funcionalidade por conta das polêmicas culturais que ocorreu de forma constantes, e no de 2012 as ideias de guerra cultural perderam força na sociedade e na política, e a mesma com objetivo de mobilizar o maior de número de adeptos e muitas vezes debates agressivos que fragmentam a sociedade o que gera empatias entre os mesmos.

Com isso, pode-se dizer, portanto, que no Brasil na atualidade existe a ideia de Guerra Cultural com a eleição e candidatura de Bolsonaro cria-se a fragmentação da sociedade em duas vertentes, o que apoiam e os que não apoiam o seu Governo, começa se disseminar crises polemicas culturais, onde cada indivíduo escolhe sua posição e ao mesmo tempo começa as críticas e exposição de ideologias, ou seja, uma ideia de controle da sociedade e descriminalização dos grupos minoritários, passa a ter o que manipula o pensamento da população que começa a não distinguir informações verídicas e as não verídicas. A sexualidade e a religiosidade é uns dos principais debates acerca de guerra cultural, e nessa vertente surge as discussões e “guerras” entre ser e não ser a favor, e com isso só estimula a fragmentação da sociedade.

Um presidente que faz defesa de discursos preconceituosos e de ideologias que não atendem a grande população brasileira, mas a uma minoria que compõe a elite, e que afeta diretamente a sociedade com suas colocações antidemocráticas. Assim, observa-se também a utilização de uma ideia Guerra Cultural no Brasil como uma ferramenta de adesão política aos grupos reacionários, que apostam na retórica de fragmentação da sociedade em duas vertentes o que são a favor e contra



o Governo Bolsonaro.

As publicações nos sites apesar de comporem páginas de instituições diferentes, demonstraram confluências entre alguns colunistas, os que apoiam a existência de guerra cultural no Brasil e os que não demonstra apoia, ou seja, de forma independente.

4 Referências bibliográficas

ALVES, Chico. **Guerra cultural de Bolsonaro prejudica combate à pandemia, diz pesquisador**. 17/01/2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2021/01/17/exito-do-bolsonarismo-marca-a-derrota-do-governo-bolsonaro-diz-pesquisador.htm/>>. Acessado em: março/2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. EDIÇÕES 70, Lisboa, 1977, p. 9-225.

BARONE, Isabelle. **Guerra cultural, diálogo e volta às aulas: como pensa o novo ministro da Educação**. 14/09/2020. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/guerra-cultural-dialogo-e-volta-as-aulas-como-pensa-o-novo-ministro-da-educacao/>>. Acesso em: Março/2021.

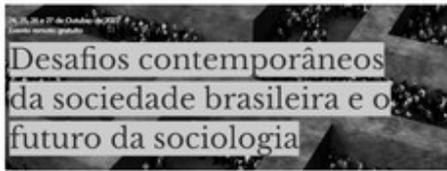
BARROS, Ciro. **“Quanto maior o colapso do governo, maior a virulência da guerracultural”**, diz pesquisador da Uerj. 28/05/2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/quanto-maior-o-colapso-do-governo-maior-a-virulencia-da-guerra-cultural-diz-pesquisador-da-uerj/>. Acessado em: março/2021.

CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a revolução cultural*. 4ª edição. São Paulo: VideEditorial, 2014.

COSTA, Iná Camargo. *Dialética do marxismo cultural*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo**. A revolta contra a democracia liberal. São Paulo: Record, 2020.

ENTENDENDO Bolsonaro. **Nova base eleitoral expõe contradição da guerra cultural bolsonarista**. 28/07/2020. Disponível em: <https://entendendo>



bolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/07/28/nova-base-eleitoral-expoe-contradicao-da-guerra-cultural-bolsonarista/. Acessado em: março/2021.

ESTADÃO Conteúdo. **'A Guerra Cultural É o eixo do governo Bolsonaro', diz João Cezar de Castro Rocha**. 23/06/2020. Disponível em: <https://www.em.com.br>

[/app/noticia/politica/2020/06/23/interna_politica,1159097/a-guerra-cultural-e-o-eixo-do-governo-bolsonaro-diz-joao-cezar-de-c.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/23/interna_politica,1159097/a-guerra-cultural-e-o-eixo-do-governo-bolsonaro-diz-joao-cezar-de-c.shtml). Acessado em: março/2021.

FIORINA, M. P.; ABRAMS, S. J. POPE, J. C. **Culture War?** The Myth of a Polarized America. New Yorke: Pearson, 2006.

GIACOMO, Fred Di. **A guerra cultural da extrema-direita é só vontade de manter nosso apartheid**. 25/06/2020. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/06/25/a-guerra-cultural-da-extrema-direita-e-so-vontade-de-manter-nosso-apartheid.htm>. Acessado em: março/2021.

GOHN, Maria da Glória. **Participação e Democracia no Brasil**. Da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013. São Paulo: Vozes, 2019.

HUNTER, J. D. **Culture Wars**. The Struggle to Define America. New York: BasicBooks, 1991.

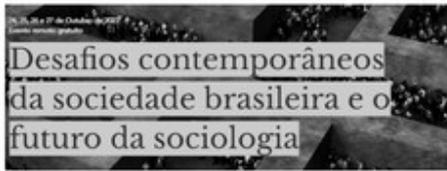
LEVITSKY, Stevem; ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LOPES, Alice Casimiro. Articulações de demandas Educativas (Im) Possibilitadas pelo Antagonismo ao “Marxismo Cultural”. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. V. 17, n. 109, p. 1-21, set. 2019.) DOI: <https://doi.org/10.14507/epaa.27.4881>. Acessado em: dez. 2020.

O SÃO PAULO. **A guerra cultural e a proposta cristã**. 03/02/2021. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/colunas/editorial/a-guerra-cultural-e-a-proposta-crista/>. Acessado em: março/2021.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. Tradução: Sergio Flaksman. todavia, 2017. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-como-a-democracia-chega-ao-fim-david-runciman-em-epub-mobi-e-pdf-ou-ler-online/>. Acessado em: junho 2021.

SILVA, Michel Goulart da. “Os militares brasileiros e a ‘grande mentira’”. In: SOUSA, Fernando Ponte de; SILVA, Michel Goulart. (orgs.). **Ditadura, repressão e conservadorismo**. Florianópolis: Em Debate / UFSC, 2011.



SILVA, Michel Goulart da. REFLEXÕES SOBRE O “MARXISMO CULTURAL”.

Revista BOCA. V. 1, n. 3, p. 77-82, 2020. DOI:
<http://doi.org/10.5281/zenodo.3900667>. Acessado em: dez. 2020.

SOUZA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** Uma leitura sobre a trajetória de ascensão e quedas da direita religiosa americana. Araraquara, 2014. Tese (doutorado)- Programa Ciências Sociais e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara (SP), 2014.

TOITIO, Rafael. “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “MARXISMO CULTURAL” NAS TARAS

PRESIDENCIAIS: Marxismo e feminismo na “cena” política brasileira. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura.** Vol. 03, N. 10, p. 80 – 108, abr. – Jun., 2020. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>. Acessado em: jan/2021.

VOLPATO, Leonardo. **O programa da gente não quer tomar lados na guerra cultural em andamento”, diz Pedro Bial.** 08/02/2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/o-programa-da-gente-nao-quer-tomar-lados-na-guerra-cultural-em-andamento-diz-pedro-bial-1.3044587>. Acessado em: março/2021.

WOLFE, A. **One Nation After All.** What Middle-Class Americans Really Think About God, Country, Family, Racism, Welfare, Immigration, Homosexuality, Work, The Right, The Left and each Other. New York: Penguin Group, 1998.